

SONHAR



ESPAÇO DO
CONHECIMENTO
UFMG 2026

A TERRA

SONHAR

ESPAÇO DO
CONHECIMENTO
UFMG 2026

DEBORAH LIMA
RENATA MARQUEZ
(ORGS.)

FELIPE TUXÁ
ANARI PATAXÓ
MARIANA OLIVEIRA
KANATYO PATAXOOP
LIÇA PATAXOOP

A TERRA

ABRIR ESPAÇO A OUTROS MODOS DE VIVER

sonhar a terra
espaço do conhecimento ufmg

Sibelle Diniz e Camila Mantovani
Diretoria do Espaço do Conhecimento UFMG



Movidos por um sonho, iniciamos a renovação da demasiado humano, exposição de longa duração do Espaço do Conhecimento UFMG. Desde 2010, ano de inauguração do museu, a mostra cumpre papel fundamental de provocar o público a refletir sobre os processos de produção e legitimação do conhecimento. Dialogando com diferentes áreas do conhecimento, a exposição assumiu um caráter de atualização permanente, garantido, sobretudo, pelas ações educativas e intervenções dos diferentes núcleos de trabalho do museu, nos últimos quinze anos.

Em 2022, diante da necessidade de renovar os equipamentos da exposição, submetemos à Lei Estadual de Incentivo à Cultura um projeto de renovação. O financiamento pela Cemig abriu caminho para uma ampla reflexão sobre a trajetória da exposição, seus sentidos e futuros possíveis. Esse processo se desdobrou em um segundo projeto, também apoiado pela Cemig, e que culminou na versão que agora lançamos, em dezembro de 2025.

Para essa travessia, convidamos dois grandes pensadores e ativistas, Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, a nos acompanharem como mestres. Suas falas potentes sobre o papel dos museus, da ciência e dos modos de existir de seus povos nos inspiraram a repensar o humano e a própria ideia de conhecimento. Os encontros desses mestres com a equipe do Espaço do Conhecimento reencantaram nossa escuta, revigoraram nossos caminhos e orientaram a criação das novas instalações do terceiro andar do museu, hoje reunidas sob o nome “Sonhar a terra”.

Agradecemos a esses mestres, por sua generosidade na partilha e na escuta. Agradecemos às curadoras

das instalações, que dedicaram seu tempo e suas experiências a esse processo tão intenso quanto fundamental. Agradecemos, ainda, às tantas pessoas e instituições parceiras que se integraram a esse processo. Principalmente, agradecemos à equipe do Espaço do Conhecimento UFMG, que conduziu esse processo com dedicação, afeto e compromisso com o museu, a Universidade e as coletividades das quais fazemos parte.

A nova versão da exposição demasiado humano dialoga com os desafios de nosso tempo. A crise ambiental, social, de representação, do trabalho, do Estado nos convoca a repensar nossas formas de conhecer, de existir e de viver. A instalação “Sonhar a terra” propõe revisitar o conceito de “humano” e sua centralidade, abrindo espaço para outros modos de viver e narrar o mundo.

A nova versão também vai ao encontro do movimento da Universidade Federal de Minas Gerais de reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais – movimento iniciado há algumas décadas e intensificado nos anos recentes a partir da concessão de títulos de doutorado por Notório Saber, do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI – e da Formação Transversal em Saberes Tradicionais – FTST –, entre outros. Acreditamos que, na abertura a esses outros mundos, está a chave para rediscutir e refazer nosso futuro como “humanos”, permitindo-nos adiar, em alguma medida, o fim do nosso mundo.











• Plantas das roças da Região Metropolitana de Belo Horizonte, desenhos de Mariana Oliveira e Souza



14

SONHAR A TERRA

Deborah Lima e
Renata Marquez

30

JÁ ESTÁVA- MOS AQUI

Felipe Tuxá

44

LEVANTE DAS LÍNGUAS

Anari Pataxó

62

TEM ROÇA NA CIDADE

Mariana Oliveira
e Souza

78

ABRILHAMOS A TERRA

Kanatyo Pataxoop

86

A TERRA SONHA COM A GENTE

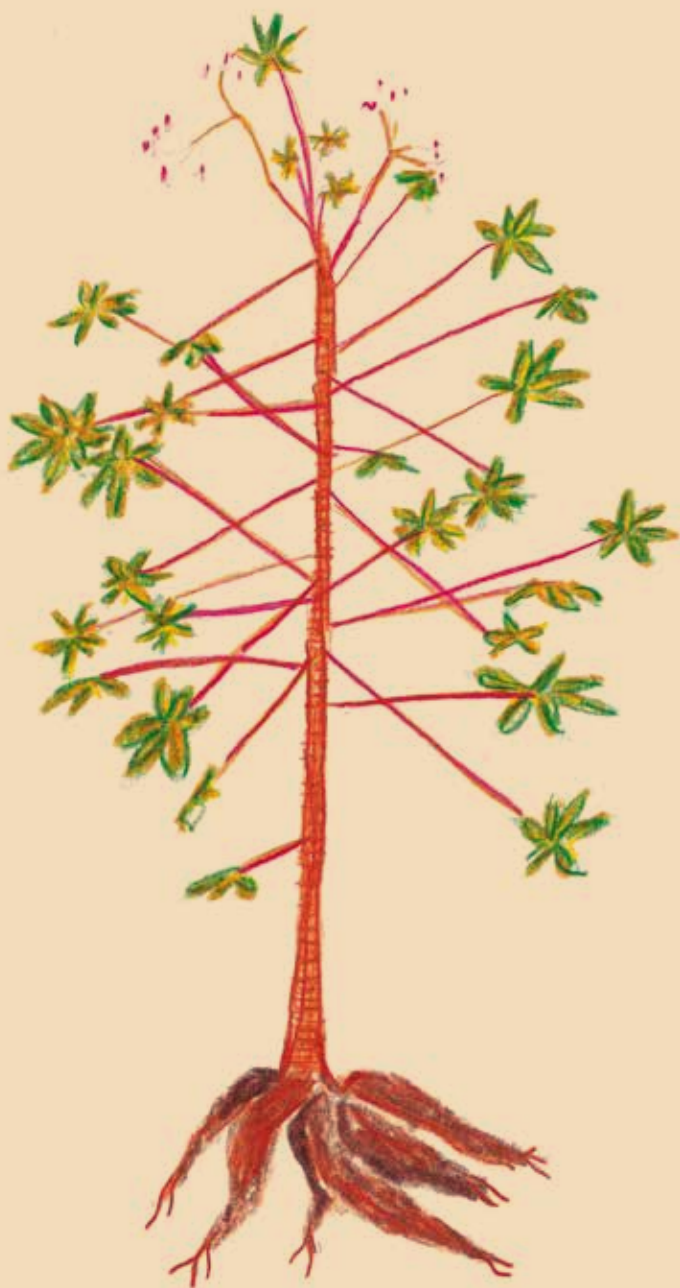
Liça Pataxoop

Deborah Lima e
Renata Marquez

SONHAR

A

TERRA



“Acho que vocês deveriam sonhar a Terra, pois ela tem coração e respira” – assim o xamã yanomami Davi Kopenawa chama a nossa atenção para o ser vivo que é a Terra, mãe e floresta que nos alimenta e cuida de todos os seres, mas que exige também nossa atenção e nosso cuidado.

Estamos no Antropoceno, época geológica demarcada pelos efeitos negativos da ação antrópica e pela monocultura e homogeneização de paisagens e formas de vida. A continuidade da vida terrestre, tal como a conhecemos, está em risco. E desde as conquistas coloniais, entramos na Sexta Extinção em Massa de Espécies. Enquanto as cinco anteriores ocorreram de forma lenta e foram causadas por fenômenos geoclimáticos, a extinção atual se mostra extremamente acelerada e também tem origem antropogênica.

Embora o prefixo *antro-* do termo Antropoceno aponte para causas humanas, nem todos os povos são responsáveis pela crise planetária. A história colonial do nosso país continua a marcar a realidade dos povos indígenas, das populações afrodescendentes e dos ecossistemas brasileiros. Ao contrário do *antropos* devastador, as populações tradicionais de todo o planeta asseguram a existência das florestas e de outros biomas e de sua biodiversidade remanescente.

Dessas populações, provêm também as críticas mais contundentes ao modo de vida civilizado, urbano e ocidental que tem o desenvolvimento como mote e meta. Essas críticas, enraizadas em modos de vida que se orientam pelo cuidado e pela reciprocidade com a Terra, têm com o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos uma de suas formulações mais precisas: o modo de vida das populações tradicionais privilegia o *envolvimento* com a Terra. Ele nos diz: “O que é desenvolver? É tirar do envolvimento,

é desconectar. Eu quero me envolver com a terra. Eu quero me envolver com as águas. Eu quero me envolver com a vida. Eu quero viver de forma envolvida e não desenvolvida.”¹

Os povos tradicionais, aqueles que vivem envolvidos com a Terra, são nomeados por Bispo de “contracoloniais”. Para o pensador, a contracolônização não é apenas uma reação à colonização, mas um modo de vida diferente, precedente, independente e resistente, que entende o humano como mais um dentre os entes do cosmos. Os diversos povos africanos que foram trazidos à força para o Brasil no processo de escravização e os povos indígenas que já viviam nas Américas há milênios encontraram-se e confluíram nos seus modos de vida. Mesmo sem falarem as mesmas línguas, pela cosmologia, povos indígenas e povos africanos compartilharam plantios e cultivos, usos medicinais de ervas, técnicas alimentares, relações cosmológicas e táticas de fuga e resistência na floresta. Um modo de vida envolvido, que sempre sonhou a Terra, foi compartilhado nessa confluência afro-indígena, como nos explica o mestre quilombola:

“Uma das maiores ações cosmológicas que aconteceram nesse território em que se fez o Brasil foi a confluência entre os africanos e os povos originários que viviam aqui. Nos trouxeram de forma forçada para cá, mas também houve uma contribuição do cosmos. Nós transfluímos pelos elementos da natureza, pelas cosmologias e, ao chegarmos aqui, exatamente por essa língua cosmológica, nós e os indígenas nos entendemos. Sempre e para sempre. Nos entendemos através do vento, das árvores, dos pássaros, das sementes, através do cosmos.”²

1 Antônio Bispo dos Santos. *1º Seminário Emergência climática: uma herança da branquitude*. Mediação de Thales Vieira, 8 de novembro de 2023.

2 Antônio Bispo dos Santos, *Ciclo Outras Economias: Cosmologias do dinheiro*. Antonio Bispo dos Santos e Ailton Krenak. Mediação de João Carlos Artigos, 18 de maio de 2021.

Se vemos circular incessantes imagens das ameaças, dos crimes, dos desastres e dos efeitos do des-envolvimento sobre os povos indígenas e afrobrasileiros, precisamos também conhecer e compartilhar as imagens de retomadas, dos levantes dos quilombos, da reinvenção de línguas indígenas que estiveram por séculos adormecidas e dos movimentos das populações tradicionais para manter as suas práticas junto à terra e a sua soberania alimentar. Da quase extinção ao levante, do esforço de dissolução das diversidades à resistência contracolônia, as novas bandeiras das línguas e a valorização da tecnologia das roças de coivara dos povos tradicionais mostram que o país é também formado por lutas para garantir o envolvimento com a Terra.

Retomar uma língua, para os povos indígenas, é muito mais do que voltar a utilizar palavras. A bandeira da língua é, para Anari Pataxó, acordar memórias e histórias do mundo envolvido e reinventar a vida junto com elas – hoje e para o futuro. “Quando a língua refloresce, temos mais força para falar, cantar, entoar os cantos e dar valor para a nossa identidade.”³ Em 1500, eram mais de mil línguas indígenas faladas no Brasil. A partir da década de 1980, vários povos vêm retomando suas línguas e hoje são quase 40 línguas em processo de retomada ou engajadas em processos de revitalização.

Como as línguas, as roças estão também intimamente associadas à cosmologia de cada povo. As roças guardam conhecimentos profundos sobre práticas agrícolas formuladas há milênios, com sistemas de manejo integrados à floresta produzindo diversidade e enriquecendo o solo. A bandeira da roça é, para Liça Pataxoop, seu “chão de vida”. A roça é uma miniatura do mundo envolvido. Compõe com as pessoas, as plantas, os animais e os espíritos a simbiose com a Terra. Desde o preparo do solo, o plantio, até a colheita e o descanso da terra, homens, mulheres e crianças integram com os seres da roça, envolvidos no movimento de produzir alimento, criar pessoas, manter a vida e sonhar a Terra. Liça Pataxoop nos ensina: “Tudo o que temos, ela dá. Por isso, a gente não envenena a terra. Quem sabe viver com a Terra, quem conhece seu sonho, vive com ela de coração. A Terra é minha mãe. O meu

sonho é tirar todas as cercas dela. E eu sei que ela também sonha com isso.”⁴

Agricultores indígenas, quilombolas, do cerrado, de várzeas, de terras firmes e também dos enclaves urbanos tratam a roça com respeito e gratidão. Fazem rituais, mutirões, entoam cantos e organizam festas para plantar e colher. As roças de muitos povos e muitas línguas, as roças de abundância, beleza e fartura expressam a confluência que cria, alimenta e sustenta os povos, a biodiversidade e a floresta, mantendo todos em pé.

A mandioca é o elemento central da roça para muitas dessas comunidades. Dos talos das manivas brotam ramas e delas vêm a mandioca: a raiz com que se faz a farinha, o beiju, a caiçuma (ou caxiri) e o mingau para alimentar e alegrar os corpos. Em meio às manivas, há uma diversidade de outras plantas. Cada espécie tem usos e modos de plantio que compõem ricas enciclopédias vividas nas flores-tas, nas várzeas, nas terras firmes e nos quintais.

A roça é mãe do mundo e nos convida a evocar a paixão pelo que a confluência afro-indígena produziu, produz e produzirá, a partir da terra e com ela, nas aldeias, nos quilombos e nas cidades.

A herança da roça? “São os filhos”, respondeu a agricultora D. Lourdes, de Nogueira, comunidade no Solimões. O que se planta na roça dá para alimentar a família, para criar e cuidar dos

filhos e da terra. “Quando a gente morre, deixa a semente, os filhos, herança da roça”, ela contou, associando os filhos a sementes, como os talos tirados de roças passadas e plantados na roça do ano. A roça então é o laço entre as gerações e deixa as suas marcas na floresta. Semeada pelos mais velhos, é como uma escola para os mais novos, que desde cedo acompanham os trabalhos e aprendem o nome e a ciência de cada coisa. Um cuidado estranho aos povos ocidentais, que pensam que as plantas “nascem à toa”, nas palavras de Davi Kopenawa.⁵

As roças do povo Magüta (Ticuna), às margens do Rio Solimões, no Amazonas, cultivam uma variedade de manivas que surpreende.⁶ Algumas são novidades produzidas pela própria interação entre os cultivares, outras são famosas e passam a ser procuradas para comporem as coleções guardadas pelas mulheres. Há em torno de vinte tipos de mandioca (*Owa*), seis variedades de macaxeira branca (*Tü’e*, *Tcho’üne*) e quinze de macaxeira amarela (*De tamaã*). As bananas (*Po’i*) também se dividem entre tipos, sendo pelo menos seis de bananas compridas e dez de curtas. Há uma rica variedade de pimentas (*Me égü*), doces (*Me’émaicurane*) e ardosas (*Naiüine*). Diversas espécies de batata são cultivadas, os ingás (*Pama*) se multiplicam em pelo menos onze tipos. Há tipos de buriti (*Tema*), tipos de pupunha (*Îtü*), variedades de feijões (*Cumana*), que se dividem entre os com rama e sem rama, e também cultivam muitos tipos de milho (*Tchawü*) e abacaxi (*Tchinü*).

O povo Ye’kwana, que habita a Terra Indígena Yanomami em Roraima, nos apresenta o grupo de plantas chamado *mada komo*, que inclui espécies que cuidam de outras espécies. Cultivadas nas roças ye’kwana para protegê-las, essas plantas espantam pragas e doenças que poderiam ameaçar a saúde da roça.

Em confluência com as comunidades indígenas, comunidades quilombolas também levantam a bandeira das roças de coivara. O Sistema Agrícola do Rio Negro, no Amazonas, e o Sistema Agrícola das Comunidades

5 Davi Kopenawa e Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

6 Deborah Lima (Org.). *Ngĩa nūna tadaugü i torü nañe. Vamos Cuidar da Nossa Terra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Quilombolas do Vale do Ribeira, em São Paulo, foram reconhecidos pelo Iphan como Patrimônio Cultural do Brasil respectivamente em 2010 e 2018. O IEPHA também reconheceu, em 2023, o Sistema Agrícola Tradicional das Apanhadoras e Apanhadores de Flores Sempre-Vivas da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais.

Nas periferias das grandes cidades, também encontramos fartura em quintais e roças cultivadas. As roças metropolitanas são enclaves verdes que proporcionam alimento e cura para muitas famílias. Mariana Oliveira explica: “Seus pequenos mundos são refúgios que combinam plantas alimentícias, medicinais, aromáticas, ornamentais e abrigam pássaros, insetos, galinhas, patos, vacas, cabras, cavalos, coelhos, gatos, micos, teiús, cachorros, minhocas e muitos outros seres.”⁷ As roças e os quintais da região metropolitana de Belo Horizonte reúnem mais de 130 espécies e variedades vegetais: alecrim, arruda, boldo, caninha de macaco, capim cidreira, capuchinha, cebolinha, coentro, espada de são jorge, funcho, mamão, manjerição, ora-pro-nó-bis, salsa, serralha, taioba, abacate, chuchu, couve, almeirão roxo, acerola, comigo ninguém pode, feijão guandu, manga, milho, quiabo, tomatinho, urucum, abóbora, alfavaca, algodão, erva de santa maria, jiló, mandioca, maria gondó, mostarda, pitanga, goiaba, banana, limão, mexerica e amora, entre outros.

No Assentamento Terra Vista, no sul da Bahia, a liderança Joelson Ferreira de Oliveira, doutor por Notório Saber na UFMG, nos convoca a ser parte da Terra ensinando sobre a transição agroecológica que a comunidade do assentamento vem construindo coletivamente desde a retomada daquele território, em 1992:

“Agroecologia é uma questão real que precisa ser implementada com os povos que sempre nasceram e viveram dentro desse princípio e que sabem a força das ervas, das plantas medicinais, das árvores.

7 Mariana Oliveira e Souza. *A beleza da fartura na região metropolitana de Belo Horizonte*. Tese de doutorado, PPGAN/UFMG, 2024.

Tudo para nós é sagrado. Porque a terra não nos pertence. Ela pertence às futuras gerações, à natureza, às forças maiores. A terra é mãe e ela tem prazer em receber todos, felizes e alegres. Temos o compromisso de não querer-mos ser seus donos. Somos parte da terra, somos seus filhos.”⁸

Na universidade, acompanhamos gestos recentes de abertura para acolher, aprender e dialogar com os saberes e fazeres da terra, junto aos seus povos e às lutas de resistência dos seus mundos. Dentre esses gestos, foi criado na UFMG, em 2015, o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais,⁹ buscando aproximar os conhecimentos acadêmicos e os saberes provenientes dos modos de experimentar e conhecer o mundo das matrizes indígenas, afrodiaspóricas e populares. Desde então, mais de uma centena de mestras e mestres das culturas tradicionais têm atuado como professores e pesquisadores no Programa, ensinando o envolvimento como forma de estar no mundo, com o mundo. Em 2020, a UFMG aprovou a Resolução que regulamentou o reconhecimento de Notório Saber e titulou mais de 20 doutores por Notório Saber, como foi o caso de Joelson Ferreira de Oliveira, do Assentamento Terra Vista.

O apreço pela diversidade é próprio do modo de vida dos “diversais”, como Bispo dos Santos denominou os povos que preferem o orgânico ao sintético e o envolvimento ao des-envolvimento. Do lado oposto, estão os “humanistas”, que tratam os seres humanos “como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza”,¹⁰ explica Bispo.

8 Joelson Ferreira de Oliveira. *As lutas existem pela nossa terra*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

9 Inspirado na proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão (INCTI) no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB), o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi criado na UFMG em caráter experimental, em 2014, e instituído formalmente em 2015.

10 Antônio Bispo dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. Belo Horizonte e São Paulo: Piseagrama e Ubu, 2023.

A diversidade epistêmica é o desafio que enfrentamos na universidade para semear os saberes orgânicos no edifício do seu saber sintético.

Ailton Krenak, também parceiro do trabalho de reinventar a universidade, explica que o sonho da Terra nos aproxima, nos junta e nos permite trabalhar juntos, apesar das diferenças que nos separam: “Acreditar que existe esse fluxo de amor entre nós e a Terra é o que me anima a continuar circulando e encontrando cientistas e pajés, meus amigos, que confirmam que a Terra sonha e que alguns de nós somos sonhos da Terra.”¹¹

O caminho da fartura da roça nos leva à suspensão do corpo nas redes, artefato indígena milenar. Tecidas de muitas formas, com variadas cores e fibras naturais, a rede é uma sábia tecnologia ancestral distribuída pelo território brasileiro. As redes viajam através de tempos e espaços e nos convidam à desaceleração e ao sonho. Convidam a experimentar o gesto da leveza, a medida da suficiência, a inteligência das fibras, a beleza das tramas e o envolvimento disso tudo com o corpo de quem por ela se deixa embalar.

A rede será o veículo utilizado para nos fazer deslizar pela floresta amazônica. Como numa canoa a remo, levados por seu leve balançar, vamos visitar a *urihi*, a terra-floresta yanomami. Da rede-canoa, tentaremos ouvir o coração e a respiração da Terra, como nos sugeriu Davi Kopenawa, no início deste texto-jornada. A Terra sonha com futuro, mas não com progresso sem envolvimento. A Terra sonha com a liberdade, com roça diversa e viva, com farinha assando no forno, com palavra que se guarda para entregar às crianças. Mas é preciso aprender a sonhar a Terra.

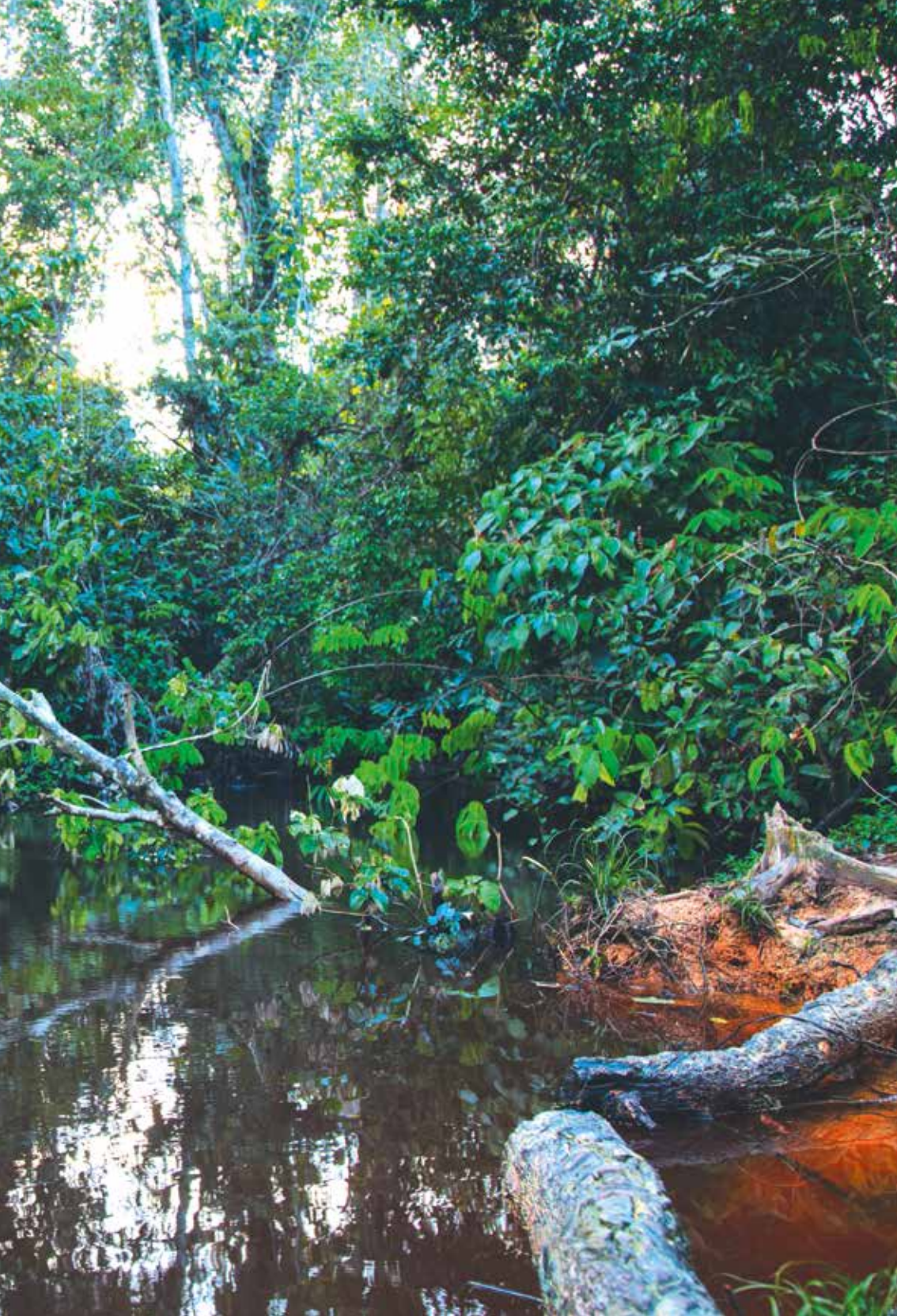












JÁ

ESTÁVA-
mos

Felipe
Tuxá

AQUI



Sou indígena do povo Tuxá. Meu povo está localizado no norte da Bahia, na divisa com Pernambuco, onde o Rio São Francisco, que chamamos Opará, divide esses dois estados. Meu povo se classifica como povo indígena ribeirinho, pois tem seu meio ambiente, sua natureza e seu território ligados às águas desse rio.

Foi na Bahia que a colonização portuguesa começou. Aprendemos na história que, quando os portugueses chegaram na América, pensaram que estavam chegando na Índia e, por isso, chamaram a todos os que já estávamos aqui de índios. Se você procurar no dicionário a palavra índio ou indígena, vai encontrar que é "aquele que é originário do lugar, nativo do lugar". O projeto de expansão colonial portuguesa procurava por riquezas, mas também por territórios para utilizar e para ocupar. O processo de expansão europeia teria sido bem-sucedido, da perspectiva dos colonizadores, se eles tivessem chegado aqui e não houvesse ninguém. Porém, quando chegaram com as suas embarcações, já tinha gente aqui! Os povos indígenas da Bahia foram os primeiros que experimentaram o contato. Havia milhares de pessoas aqui. Povos indígenas diversos, com suas línguas, costumes e tradições. Mas os europeus queriam ficar aqui e usar as nossas riquezas, como o Pau-Brasil, e resolveram chamar todos que já estavam aqui de índios.

Escolheram uma palavra fraca, com a qual não nos reconhecíamos. Uma palavra que não correspondia aos nomes que utilizávamos para nos designar. Cada povo indígena tem um nome próprio, uma língua própria, uma cultura própria. Mas isso não era interessante para o projeto colonial; era necessário que estivéssemos fracos e segregados para que conseguíssemos efetivar o plano de ocupação do território. O que chamamos de colonização nada mais é do que uma estratégia para roubar a terra dos povos originários. Na cabeça do colonizador, era preciso que nós, indígenas, não estivéssemos mais aqui. Então, a história dos povos

indígenas desde a chegada do colonizador europeu é uma história de saque, roubo territorial e muitos massacres, extermínio e técnicas do que chamamos hoje de genocídio dos povos indígenas.

A primeira grande diminuição demográfica acontece por conta das epidemias. Aprendemos que, logo que os colonizadores entravam em contato com os povos indígenas, havia uma grande mortandade por conta das doenças que eram desconhecidas pelos povos indígenas. É muito importante destacar que a mortandade não era simplesmente reflexo de um sistema imunológico despreparado para lidar com novas doenças. Hoje, diversos profissionais, de diversas áreas, costumam dizer que os indígenas morriam, naquele momento, não apenas por conta do sistema imunológico, mas porque o colonialismo era tão perverso que é muito difícil falar de saúde ou de sistema imunológico, uma vez que as realidades indígenas entraram em verdadeiro colapso por conta da chegada do colonizador, que utilizava técnicas diversas para que a gente sumisse do mapa, para que a gente não existisse mais.

Nos séculos XVI e XVII, é travada uma série de violências: as epidemias, as “guerras justas”, o cativeiro, o massacre e o extermínio. Essa história é compartilhada de norte a sul do continente americano. Onde quer que o colonizador tenha chegado — seja ele português, espanhol ou inglês —, nós, povos indígenas, fomos extremamente reduzidos demograficamente. Somos sempre um percentual muito inferior da população. Se você for aos Estados Unidos, ao Canadá, ao México, ao Chile ou à Argentina, os povos indígenas, hoje nesse continente — nesses países que foram construídos em cima de territórios indígenas — somos sempre 1%, 2%, 3% da população nacional. O que aconteceu? O que foi a chegada da empresa colonial? O que segue acontecendo com a construção desses países? São perguntas necessárias para que possamos entender o que significa ser uma pessoa indígena nesses territórios e nesses países na contemporaneidade.

Na minha tese de doutorado em Antropologia Social, tento entender porque os povos indígenas hoje são tão poucos onde o colonizador desembarcou. Como a gente chega no século XXI? O que aconteceu com os povos indígenas desses territórios do continente americano? Obviamente, o meu olhar se centra na experiência do meu próprio povo. O povo Tuxá, desde a segunda metade do século XVII, vem enfrentando diferentes formas de colonização: desde aquelas trazidas pela pecuária até as diferentes frentes agrícolas, e a “guerra justa” colocada pelos padres missionários, que também queriam que deixássemos de ser indígena.

No Brasil, no século XXI, vivem mais de 390 povos indígenas. Existem mais de 180 línguas indígenas registradas formalmente por critérios linguísticos, e cerca de 295 línguas pelo reconhecimento auto-declaratório. Esses números mostram que, se o projeto colonial previa que nós, indígenas, desapareceríamos, esse projeto não foi 100% eficaz, porque nós ainda estamos aqui hoje. Nós ainda existimos, estamos pautando direitos, pautando justiça pelo que aconteceu no passado e por aquilo que continua a acontecer.

Quando comecei a olhar para o problema da violência contra os povos indígenas e da violação dos nossos direitos, o conceito de genocídio me pareceu o mais apropriado para dar nome a essa história. O Brasil é hoje todo construído em cima de territórios indígenas. Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Florianópolis, etc. são cidades que foram construídas onde existiam territórios indígenas. Será que as pessoas que residem nesses lugares se perguntam o que aconteceu com os indígenas que estavam aqui antes da cidade?

No centro de Belo Horizonte, por exemplo, em volta da Praça Sete, há várias ruas com nomes indígenas. O mesmo acontece com a Rua Guaicurus, a Rua dos Tamoios. Os espaços ganham nomes dos povos indígenas que estavam ali antes. Será que as pessoas que passam por essas ruas hoje se perguntam o que aconteceu com os Botocudos, os Guaicurus, os Tamoios?

Precisamos disputar a memória. Uma memória que entenda que esse processo não ficou no passado. A ideia que está na cabeça de muitos brasileiros – de que “o Brasil foi construído, de que havia indígenas aqui, mas isso foi no passado, isso não diz respeito à população que hoje vive nesses lugares” — precisa ser revista. Precisamos construir outra história do país, reescrever a história do Brasil, uma história que busque conectar o passado com o presente desde a perspectiva indígena. Para isso, temos que olhar para o passado de violência contra os povos indígenas e pensar que aquilo não ficou no passado. E isso diz respeito aos brasileiros hoje e a amanhã porque essa história é a história do país.

Durante muito tempo, a história do genocídio indígena não foi contada. Mas ela não é uma história do passado — nós estamos aqui hoje. Os povos indígenas estão hoje aqui no Brasil. Nós existimos e nós estamos em vários lugares. Sou professor de antropologia da Universidade Federal da Bahia. Nas minhas aulas, estou sempre falando da importância de reescrever a história do país, de conectar passado, presente e futuro a partir de uma perspectiva que olhe para os povos indígenas não como um assunto acabado, como algo

que ficou no passado, mas como um tema que diz respeito às pessoas e à população nacional.

Equacionar esse passado é entender o que significa morar em cidades cujos nomes das ruas e dos bairros nomeiam um processo genocida. Esses nomes falam de uma memória que não conseguiu ser completamente apagada, porque ela está escrita na paisagem, mas também precisa ser vocalizada, precisa ser ouvida e trazida para um lugar de questionamento. Isso é necessário para que possamos, enquanto povo ou o povo brasileiro, se quisermos, enquanto nação, construir um futuro onde não existam mais esses apagamentos.

O recado que eu gostaria de deixar para vocês é justamente esse: o que significa pensar a existência dos povos indígenas no século XXI? Nós não estamos desaparecendo. As nossas culturas não estão morrendo. Por isso é importante trazer essa memória para pensar o futuro. Nós, indígenas, ocupamos espaços diversos hoje: as salas de aula das universidades, as cortes jurídicas com os advogados indígenas, a política. Estamos em um processo de dar visibilidade à nossa memória como condição de futuro.

A primeira coisa que temos que ter em mente é que a história do Brasil não é uma história satisfatória para todos, tal como é contada. É uma história de muita violência. O Brasil foi construído em cima de território indígena — e, ainda hoje, a principal bandeira de luta do movimento indígena no Brasil é a terra.

Falamos de demarcação de território porque precisamos ainda reaver os nossos territórios que foram roubados. Então, lembrem-se: comecei dizendo que, no Brasil, o povo indígena, para um projeto de nação, foi considerado um obstáculo. No século XVI, fomos vistos como um obstáculo ao domínio dessas terras pelos portugueses. E ainda hoje, tantos séculos depois,

seguimos lutando justamente pelas nossas terras. O problema dos povos indígenas é um problema fundiário, é um problema territorial. Só haverá justiça quando as nossas terras estiverem demarcadas.

sonhar a terra
espaço do conhecimento ufmg











- Cenas de uma roça Ye'kwana, Aldeia Fuduuwaadunnha, fotografias de Viviane Ye'kwana.



LEVANTE

Anari
Pataxó

DAS
LÍNGUAS



Sou do povo Pataxó do Território Indígena de Coroa Vermelha, na Bahia. Nesse momento, estou em Minas Gerais atuando com comunidades Pataxó e Pataxó Hãhãhãe atingidas pelo rompimento da barragem da mineração da Vale. Sou professora e atuo para fortalecer a autonomia da educação escolar indígena no território, depois de tudo o que sofreram.

Milito na educação escolar indígena desde os 19 anos de idade. Sou formada em Letras, com mestrado em Estudos Étnicos. A minha tese de doutorado em Antropologia foi defendida na UFRJ. Dedico meus estudos ao processo de retomada da língua Pataxó, o Patxohã. Faço parte do Grupo Atxohã, um grupo de pesquisadores Pataxó voltado à retomada da nossa língua desde 1998, e também integro o GT Nacional para a Década das Línguas Indígenas, com o qual somamos ao chamado da UNESCO para a mobilização em prol da proteção e valorização das línguas dos povos originários, decretando o período entre 2022 e 2032 a Década Internacional das Línguas Indígenas.

Em 1500, havia mais de mil línguas indígenas faladas neste território, mas ao longo do processo colonizador genocida, muitos povos sofreram também um linguicídio. Não gosto de usar a palavra morte ou extinção, preferimos dizer que as línguas adormeceram. Entendemos que, quando uma língua adormece, ela pode ser despertada a qualquer momento. O processo de retomada das línguas indígenas que tem acontecido nos últimos anos é justamente o acordar dessas línguas.

Muitas línguas indígenas se enfraqueceram e adormeceram por vários motivos: a perda dos territórios, a imposição do português como língua dominante e as políticas que proibiram o uso das línguas indígenas. Entre 1756 e 1757, uma política nacional determinou o ensino apenas da língua portuguesa, proibindo o uso das

línguas indígenas. Durante o processo de colonização, os jesuítas utilizaram as línguas indígenas apenas como instrumento para catequizar. Houve também a tentativa de uniformizar a diversidade das línguas existentes no Brasil. Havia povos que falavam línguas do tronco Tupi e os jesuítas se apropriaram delas para facilitar a catequização, categorizando uma "língua geral". Esse processo de imposição da colonização também impactou a língua do povo Pataxó.

Chegamos ao final do século XIX com a nossa língua enfraquecida. O português dominava, embora ainda houvesse relatos de falantes da língua tradicional Pataxó. Eram poucas as pessoas com esse conhecimento tradicional, mas o que restou da língua Pataxó foi compartilhado. A língua não se perdeu, ficou ativa nas memórias e nos cantos.

O episódio conhecido como Fogo de 51 é um acontecimento forte para o povo Pataxó. Os mais velhos não gostam de falar dessa memória porque é muito dolorosa. Foi justamente quando o governo resolveu criar o Parque Nacional do Monte Pascoal. Aquele monte, que a história conta que Cabral avistou, já era território Pataxó. Quando, nos anos 1930, foi anunciada a criação do parque, o governo não sabia que o povo Pataxó vivia ali.

Mas estávamos ali. O governo quis tirar as famílias porque entendiam que, no parque, a mata deveria ficar separada dos humanos. Mas os povos indígenas sempre viveram em convivência com o território — com a terra, a mata, os rios, com tudo.

A mentalidade não indígena queria expulsar o povo Pataxó, para fazer dali somente uma área de preservação. Houve um conflito. Naquele

tempo, um líder ancião e liderança chamado Capitão Honório foi em busca de ajuda no Rio de Janeiro. Já existia o Serviço de Proteção ao Índio, hoje Ministério dos Povos Indígenas, e o Capitão Honório procurou esse órgão. No caminho, encontrou um homem que prometeu ajudar, mas trouxe conflito e confusão, na tentativa de dispersar o povo Pataxó. Os policiais foram perversos: incendiaram casas, mataram animais, arrasaram a aldeia. O povo se dispersou, mas depois as lideranças voltaram. Mais tarde, a polícia reconheceu que o povo Pataxó não teve culpa e que aquela confusão havia sido armada contra eles.

Devido à dispersão, algumas famílias Pataxó vieram morar também em Minas Gerais, na Terra Indígena Fazenda Guarani, em Carmésia. Hoje existem várias comunidades Pataxó nos municípios de Carmésia, Araçuaí, Guanhões, Açucena, Itapeçerica, São Joaquim de Bicas e Brumadinho.

Depois de muita luta, os anciãos Pataxó conseguiram uma pequena área na Bahia. Na época, 52 mil hectares foram demarcados para o Parque, mas o governo deixou apenas uma parte para o povo Pataxó viver, de 1.827 hectares. Na década de 1970, foi construído o primeiro posto indígena no território Pataxó de Barra Velha e, em 1977, foi criada a escola.

Na década de 1990, começaram a lecionar na escola os primeiros professores indígenas, pois antes os professores eram não indígenas. Kanatyo Pataxoop, ainda jovem, iniciou o trabalho de registrar e criar os cantos para trazer a memória da língua. Foi quando começamos a cantar na nossa língua e a ensinar o que sabíamos do nosso povo.

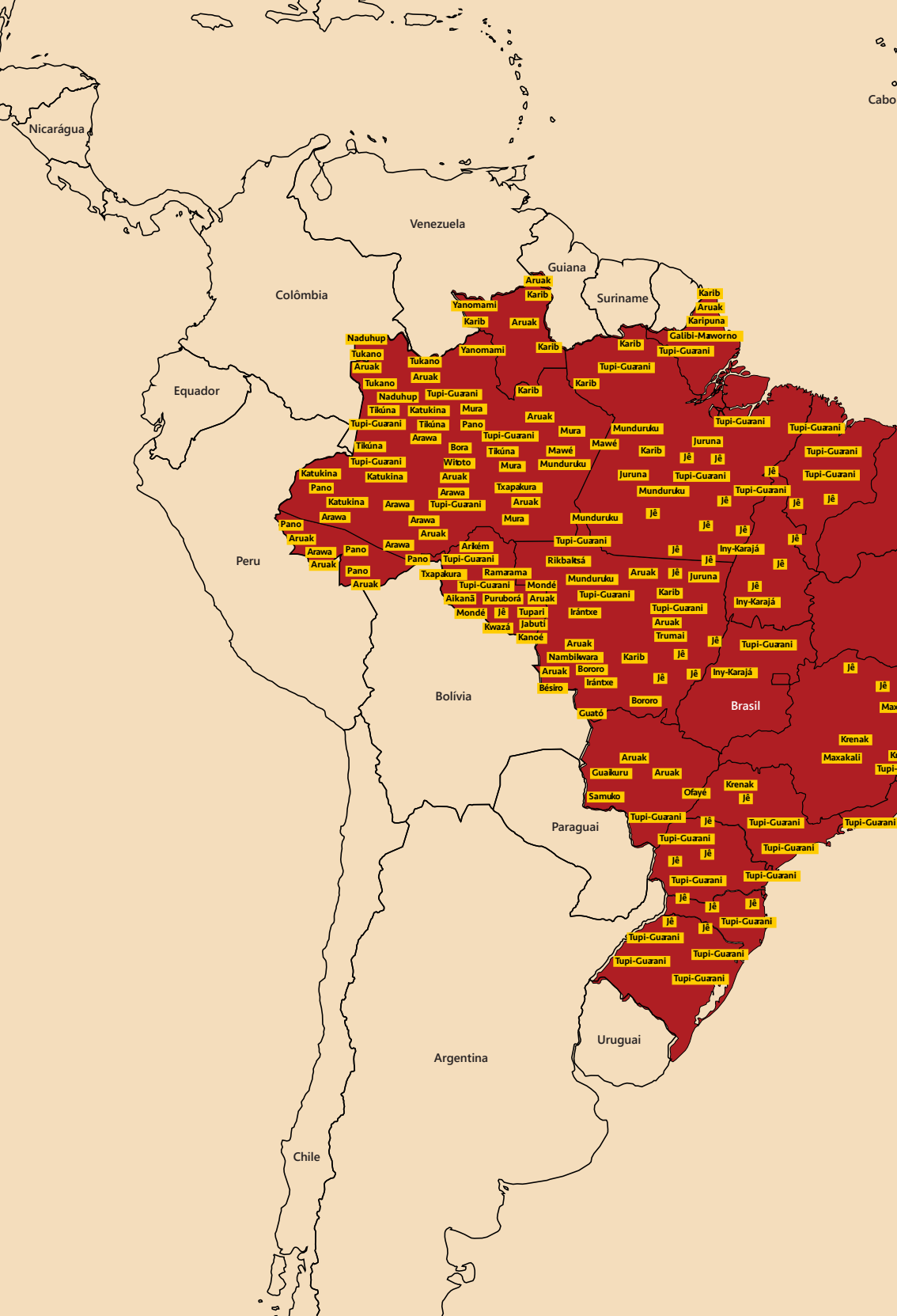
A luta pela retomada da língua começou junto com a retomada do território Pataxó da Reserva da Jaqueira, em Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro. “A gente está indo, vocês têm que fazer o registro”, diziam os anciãos. Elaboramos em 1998 o projeto de documentação da cultura e da língua. Visitamos algumas comunidades e registramos, com os mais velhos, o que restava da língua. Em um segundo momento, buscamos documentos e registros já existentes. Encontramos, por exemplo, o vocabulário coletado pelo príncipe alemão

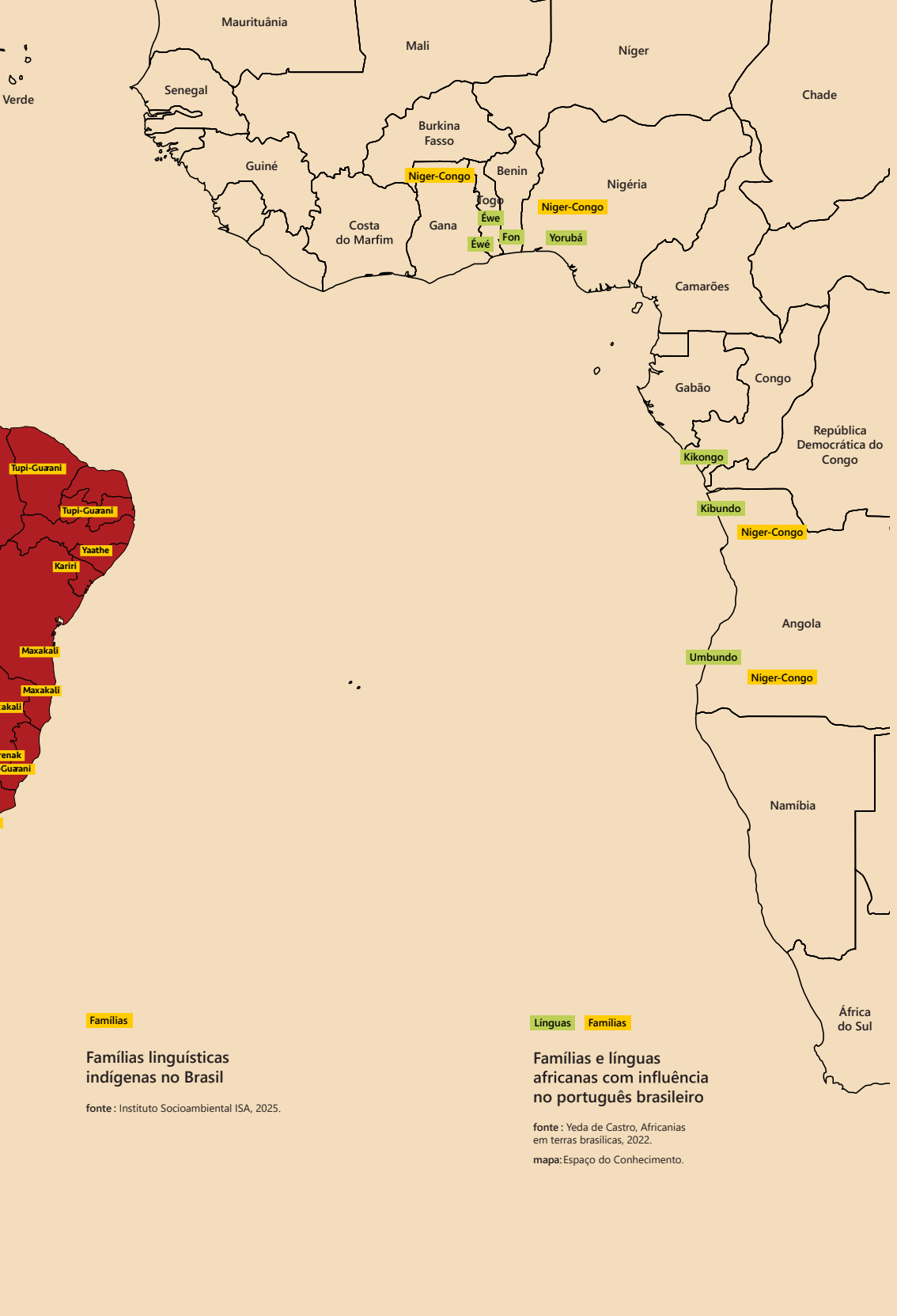
Maximiliano de Wied-Neuwied durante sua expedição ao Brasil entre 1815 e 1817. Foi assim que conseguimos recuperar muitas palavras e isso permitiu ampliar o vocabulário do Patxohã.

Somos hoje mais de 20 mil pessoas em mais de 76 comunidades na Bahia e em Minas Gerais. Existem comunidades apenas de Pataxó e outras onde vivem juntos Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe, por conta dos casamentos entre os grupos. Hoje temos o ensino do Patxohã em todas as escolas Pataxó. Nosso trabalho por enquanto é apenas interno, de fortalecimento dentro da própria comunidade. Queremos fortalecer a língua primeiramente entre nós, porque entendemos que a língua é também um instrumento de defesa.

Vários outros povos indígenas também estão nesse processo de retomada da língua. Na Bahia, por exemplo, o povo Pataxó Hã Hã Hãe, o povo Tupinambá, o povo Tuxá e o povo Kiriri. Em Minas Gerais, o povo Xakriabá também está recuperando a língua antiga, Akwen, hoje falada pelos Xerente, que havia sido silenciada. Em Alagoas, os Kariri-Xocó também vêm buscando, registrando e fortalecendo a sua língua. Vários povos vêm retomando suas línguas desde a década de 1980, e hoje já temos quase 40 línguas indígenas sendo retomadas no Brasil.

Foi possível recuperar a nossa língua porque, como dizem os mais velhos, ela nunca foi extinta totalmente. Ficou a raiz. Entendemos a retomada como um território que um dia foi desmatado, mas ficaram os troncos. Desses troncos, foi possível reflorescer. E quando a mata volta, os animais





Famílias

Famílias linguísticas indígenas no Brasil

fonte : Instituto Socioambiental ISA, 2025.

Línguas Famílias

Famílias e línguas africanas com influência no português brasileiro

fonte : Yeda de Castro, Africanias em terras brasileiras, 2022.

mapa: Espaço do Conhecimento.

retornam, os peixes voltam aos rios, os passarinhos aparecem de novo, tudo se recompõe. A língua retomada é assim também: vai ocupando seu lugar e os cantos voltam com mais força. Entendemos a língua também como espírito, porque ela não é separada das coisas, como a linguística sempre fez, separando língua e linguagem. Para os povos indígenas, a língua está ligada a tudo.

A língua Patxohã traz hoje a memória do passado, mas também se reconfigura e agrega coisas novas. Aquele documento do príncipe Maximiliano, que trazia palavras antigas, acabou se tornando algo novo. Para nós, era novo ouvir as palavras registradas no documento antigo que já não eram mais faladas, nem pelos nossos anciãos. Quando trazemos o documento para a comunidade e re colocamos essas palavras em uso, elas retomam a vida. Às vezes as pessoas dizem: “Mas não é mais a língua de antigamente.” Sim, mas não existe língua que permaneça exatamente como era, em nenhuma sociedade.

Todas as línguas mudam. A língua portuguesa, quando chegou aqui em 1500, não é a mesma língua falada hoje. Palavras e expressões se transformaram.

As línguas mudam com o tempo, e isso também acontece com as línguas indígenas, inclusive entre gerações. Com o Patxohã foi assim também. No processo de reconstrução da língua, foi agregando coisas novas. Criamos neologismos para palavras que não existiam no passado. A figura do “professor”, por exemplo, não existia antes da chegada da escola. Então criamos uma palavra nova: *ipakâié*. “Ipá” vem de *Ipamakã*, que significa “homem de conhecimento”, e “akâié” vem de *akâiéko*, “líder” ou “chefe”. Assim, *ipakâié* passou a significar “professor”, pessoa que transmite o conhecimento. A palavra para “escola” também não existia. Foi criada então a palavra *kijêtxawê*. “Kijê” vem de *Kijemi*, “casa” — o espaço, o lugar — *etxawê* significa “aprender” ou “conhecimento”. Então *kijêtxawê* quer dizer “o lugar do aprendizado”, “a casa do conhecimento”.

Já o nome do celular surgiu de forma interessante. Antigamente, o povo Pataxó conhecia uma palmeira chamada *pati* quando pequena e *patioba* quando crescida. Segundo os anciãos, essa palmeira era usada como instrumento de comunicação: quando alguém estava perdido na mata, batia na ponta da *patioba*, que produzia um som alto, ecoando pela floresta — era a forma dos Pataxó se comunicarem à distância. Hoje, os parentes passaram a chamar o celular de *patioba*, porque ele cumpre essa mesma função de comunicação. Assim, a palavra antiga ganhou um novo sentido, conectando o passado e o presente na língua Patxohã.

O desafio agora é fortalecer a língua não só na escola, mas também na comunidade. Os parentes que vão dominando a língua passam a usá-la em encontros e reuniões, e muitos também no Instagram. Percebemos também que o canto tem sido um instrumento muito importante para fortalecer a língua em todas as comunidades, porque transmite a língua rapidamente.

Durante o processo de retomada da língua, a questão dos nomes também foi importante. Nos registros antigos da Funai, os nomes indígenas apareciam como apelidos, enquanto os nomes em português eram priorizados. Por exemplo, minha mãe, registrada como Cremilda Braz Bomfim, tinha o nome indígena Meruka apenas como apelido. Hoje, graças às políticas de valorização da identidade indígena, existe uma lei que garante o respeito aos nomes indígenas e à grafia original. Muitas vezes, os pais pedem ajuda aos professores para achar um nome em Patxohã, e assim surgem nomes novos, criados a partir das palavras da língua.

Quando a língua refloresce, temos mais força para falar, cantar, entoar os cantos e dar valor para a nossa identidade. Algumas línguas resistiram, mas há povos que já não se lembram mais de nenhuma palavra. Apesar disso, é importante dizer que nem por isso esses povos deixam de ser quem são. Independente de falar ou não

a língua indígena, eles continuam sendo quem são, porque não tivemos culpa das perdas e seguimos aqui, resistindo.

Nesse processo, houve também a formação de outra variante do português: o português indígena. Esses povos também moldaram a língua portuguesa, e hoje temos uma diversidade no português que não é o português brasileiro, mas o português dos povos indígenas — moldado por eles, expressando suas cosmovisões e saberes tradicionais. Chamamos essa língua de Braslind: o Braslind Pataxó, o Braslind Kokama, o Braslind Krahô, o Braslind Kariri Xokó. Estamos reconceituando esse português e nos mobilizando para que seja reconhecido também esse português indígena, que ficou desvalorizado, mas que agora queremos dar o seu devido valor — especialmente junto aos povos cujas línguas foram silenciadas, mas que continuam presentes.

Há vários povos indígenas em Minas Gerais. É muito importante que todos possam conhecer melhor os povos indígenas daqui. Os povos que estão nos territórios, mas também os povos indígenas que estão em contextos urbanos — jovens que vêm para estudar, para trabalhar e famílias que buscam formas de sobrevivência, e que também estão nessa luta.

O povo Maxakali, por exemplo, resistiu por muito tempo. É um povo que, mesmo passando por todo o processo da colonização, resistiu mantendo fortemente sua cultura e sua língua. O território Indígena Pradinho que eles têm hoje em Bertópolis, Minas Gerais, é um território que foi devastado pelos não indígenas e hoje quase só encontramos capim. Mas agora esses parentes estão lutando para reflorestar o território com um projeto muito bonito para trazer de novo o bem viver do povo Maxakali, que vem sofrendo com a morte de crianças por desnutrição.

O povo Krenak é um povo que tem uma pesada história de luta, mas estão aí resistindo. Sua língua também permaneceu viva, com os anciões segurando e os parentes fortalecendo-a entre a juventude. Foram impactados pelo rompimento da barragem de Mariana e hoje não podem mais aproveitar o rio que tinham, mas seguem no território, resistindo. Se não lutarmos para barrar a mineração, não são só os povos indígenas que serão impactados, mas toda a população de Minas Gerais. É uma morte lenta: os rios estão contaminados, as verduras que chegam aos mercados também, mas as pessoas não percebem. As doenças virão depois. As pessoas têm que procurar outras formas de viver. Os povos indígenas têm mostrado que há outras formas de viver sem precisar degradar, sem destruir, mas se desenvolver com a sustentabilidade do próprio território.

Hoje, no Brasil, somos cerca de 391 povos e 295 línguas indígenas faladas, conforme dados do IBGE do último censo de 2022. Houve um aumento em relação ao censo de 2010, que registrou 274 línguas indígenas. O censo incluiu línguas que foram silenciadas e agora estão sendo retomadas – um levante das línguas que antes haviam sido consideradas extintas.

*Kitok, Jokana, ipakâyé, imakâyé
 Niamisũ mâtóxó. Txuhap ariponã
 etxawê txihihãý!
 Nitxí Awêry.*

Criança, mulher, professor, professora
 Vamos aprender o ensino indígena!
 Muito obrigada.











◦ Roça da Região Metropolitana de Belo Horizonte,
pinturas de Mariana Oliveira e Souza.



TEM
ROÇA

NA

Mariana
Oliveira e Souza

CIDADE



Monoculturas urbanas e rurais, tecnologias industriais, extrativismos predatórios e governança estatal têm produzido transformações extremas, extinções e refugiados climáticos. Para o lucro de uma minoria, rios, montanhas, campos, pântanos, lagos, cavernas, florestas e seus habitantes têm sido sacrificados.

Se, por um lado, o capitalismo tem avançado na defesa de um crescimento a qualquer custo e no direito de não se responsabilizar por suas ações, a reação passa por reaprender a ter cuidado, em especial junto aos que seguem ativos e inventivos nesta arte. O cuidado é o tecido da vida e deve ser entendido como tudo o que é feito para manter, continuar e reparar o mundo, para que se possa viver nele da melhor forma possível.

É urgente minar o individualismo atomizado e ampliar o tempo disponível para o cuidado. Tempo para cuidar das mais variadas formas — que incluem o cuidado com a terra, com as plantas e com a vizinhança — é uma demanda legítima e uma obrigação a ser embutida em todos nós. Como enfatiza o mestre Joelson Ferreira de Oliveira: é tempo de organizar a fartura!

Organizar a fartura requer trabalho, relações, esperas, observações e precisa, sobretudo, da terra para acontecer e se perpetuar. É na terra que as pessoas constroem histórias e desenham paisagens. Desde que a humanidade existe, ela desenha na terra a partir do sentir, do tocar e do fazer. Desenhar paisagens é um processo que demanda engajamento concreto e muscular.

Na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), onde nasci e vivo,¹ muitos cuidadores e cuidadoras da terra encorajam a vida e a sua recuperação. Seus pequenos mundos são refúgios que combinam plantas alimentícias, medicinais, aromáticas, ornamentais

1 Este ensaio foi adaptado da tese de doutorado *A beleza da fartura na região metropolitana de Belo Horizonte*, defendida no PPGAN/UFMG em novembro de 2024, com orientação de Deborah Lima. A tese, com suas referências bibliográficas completas, está disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/78793>.

e abrigam pássaros, insetos, galinhas, patos, vacas, cabras, cavalos, coelhos, gatos, micos, teiús, cachorros, minhocas e muitos outros seres. Afeitos à diversidade, reúnem mais de 130 espécies e variedades vegetais, o que é motivo de prazer, orgulho e alegria.

Os espaços que mantêm são dinâmicos, construídos a partir de um trabalho constante de cuidar, acrescentar e combinar diferentes plantas e de se emocionar, aprender e criar histórias com elas.² Seus fazeres cotidianos envolvem observação e atenção às relações tecidas entre pessoas e plantas, das plantas entre elas e delas com outros seres.

Pequenos espaços que cultivam alimentos e, ao mesmo tempo, prezam pelo máximo de vidas, podem ser potencializadores de aprendizados que despertam emoção e encantamento. Neles, as pessoas podem se atentar às temporalidades das espécies, suas transformações, seus ciclos de nascer e morrer. Percebem as mudanças diárias, as estações do ano, o passar dos anos. Como os ventos, as águas, os insetos e os animais, cuidadoras e cuidadores dedicados podem participar ativamente dos processos reprodutivos das plantas com a dispersão de mudas e sementes, o que potencializa a agrobiodiversidade.

O mundo da roça e sua fortuna e beleza, associadas à generosidade, à solidariedade e à fartura, é um repositório da inteligência que precisamos disseminar para transformar vidas e produzir paisagens vibrantes em cores, texturas e sabores. Em algum grau, a roça também está

² Para conhecê-los melhor, ver a *Coleção de livretos Plantar e Cuidar da Terra*, elaborada junto a agricultores, agricultoras e raizeiras da RMBH. Disponível em: <https://www.uemg.br/noticias-1/99-proex/15152-colecao-cuidar-e-plantar-a-terra>

presente na cidade, principalmente em suas periferias, e colabora para que a terra não fique totalmente coberta pelo concreto, e sim viva e generosa.

A fartura remete à abundância e está em nítido contraste com a escassez. É, fundamentalmente, um conceito relativo, e seu contraste semântico remete a noções como fome e privação. A fartura é a ausência da falta e movimenta a vida. Como destacam as mestras Maria Catarina Souza (*in memoriam*) e Aparecida Arruda, beleza é plantar sem saber se irá colher, é ter um conjunto variado de plantas, é conhecer suas histórias e as ver crescer.

Por mais que a urbanização tenha transformado as cidades brasileiras em espaços cada vez mais adensados, verticalizados e impermeabilizados, ainda assim, as plantas são cuidadas, cultivadas e colhidas em quintais, terreiros, lajes, varandas, terraços, lotes vagos, parques, córregos, brejos, currais, canteiros nas ruas, chácaras, sítios, comunidades quilombolas, ocupações, terreiros de matriz africana, comunidades indígenas, praças, espaços cedidos para hortas comunitárias, acampamentos e assentamentos da reforma agrária, áreas arrendadas ou alugadas, fazendas, entre outros espaços. Ainda que partam de interesses e contextos distintos, essas áreas coincidem no experimentar fazer e transformar o lar, a rua, o bairro e a cidade.

Em um mundo marcado por guerras, desigualdades, desastres e narrativas de bilionários e celebridades, precisamos proliferar, por todas as frestas, modos de fazer e existir em que o cuidado, em suas múltiplas dimensões, esteja à frente do lucro. A beleza da fartura que vincula vizinhanças e comunidades é algo que precisamos (re)aprender a cultivar.

Uma agricultura capaz de emocionar pode ser um projeto para o presente e para o futuro. Para tanto, é preciso que as

relações entre pessoas e plantas sejam tecidas, mantidas e escaladas, o que só será possível com acesso à terra e à moradia digna, reparações inevitáveis para que mudanças mais prósperas possam brotar.

A agricultura urbana e periurbana, aliada à agroecologia em seu viés radical, à reforma agrária popular, à recampesinação e ao planejamento urbano e metropolitano, pode capturar o desejo de plantar que ainda persiste para desenhar paisagens biodiversas e colaborar com a organização da fatura.

Como enfatiza o mestre Joelson Ferreira de Oliveira, o Brasil é um país rico de terra, sol, água e biomassa e é possível tornar a vida mais agradável. É preciso tomar gosto e ver a beleza das coisas simples e cuidar das crianças com esse valor: é tempo de construir o reino das mulheres e das crianças. É preciso criar lugares capazes de acolher pessoas em situação de vulnerabilidade e mostrar outras verdades, firmadas no cuidado e na terra.

Precisamos desconcentrar a terra.
Restituí-la aos povos originários.
Garantir terra para todo o povo preto que quiser morar e plantar. E precisamos agora, neste momento, em pleno século XXI. Se queremos equilibrar as cidades, precisamos urgentemente trabalhar a luta pela terra e território como forma de combater a escravidão, o racismo, o preconceito e as injustiças. É preciso retomar a terra e o território.
Joelson Ferreira de Oliveira, 2022.

A ONU estimou em 2022 que, em 2050, teremos uma população mundial de 9,7 bilhões

de pessoas; em 2080, serão 10,4 bilhões. Para que seja possível alimentar com quantidade adequada e com qualidade, até 2050 será necessário ampliar a produção de alimentos em 50%. Nesse cenário, importa o caminho que tal ampliação irá percorrer, já que é preciso, ao mesmo tempo, conter a gravidade das mudanças climáticas em curso.

O Brasil apresenta a maior riqueza de plantas do mundo, seguido pela China, Indonésia, México e África do Sul e ainda hoje são registradas novas espécies a cada ano. Integra, assim, o grupo dos países megadiversos e pode assumir um importante protagonismo se ficar atento à soberania alimentar e à questão fundiária.

Espaços livres, onde muitas vezes brotam apenas capim-colonião, tiriricas e leucenas, se manejados e apoiados, podem permitir que as pessoas vivam com dignidade, se movimentem, tenham belezas a apreciar, o direito de transformar e fartura para compartilhar. Esses espaços podem ser vibrantes desenhos feitos na terra, que abrem possibilidades para a criação de histórias de longo prazo com as plantas. Uma vez vividas, serão perpetuadas e podem ser contagiantes.







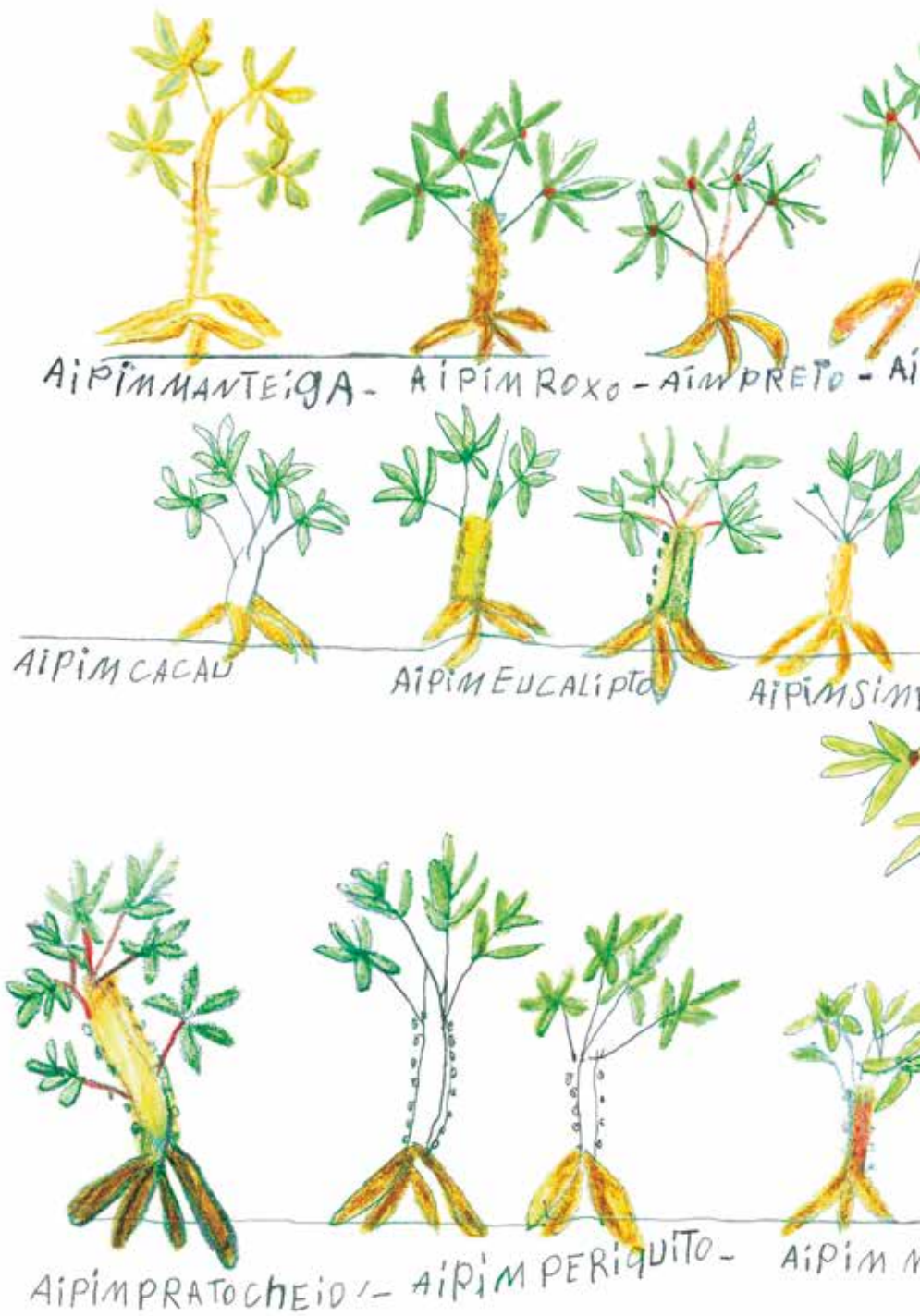












- Roça Tikuna, pinturas de Mutchique'ena (Hilda Tomás do Carmo); roça Maxakali, desenho de Sueli Maxakali; e roça Pataxó, desenho de Japira Pataxó.



PICALOMBO - AIPIM PACARÉ

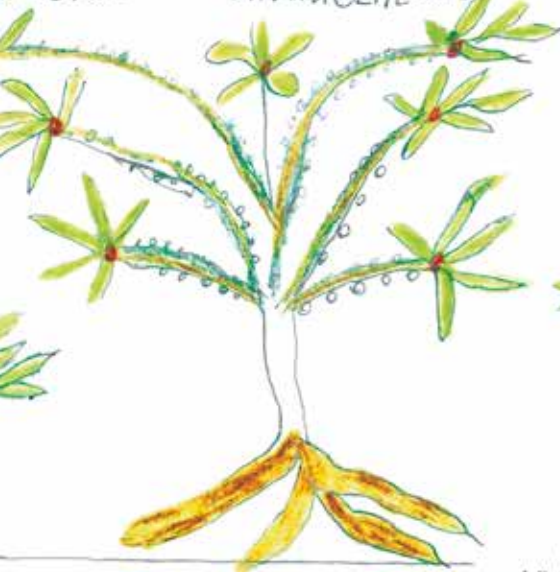
AIPIM LAFAEIETÉ



OLICIO -

AIPIMOLHOMOLE

CARAVELA -



MIOMO SO - AMARRA-BOI, PACARÍ MANDIOCA PRETINHA

ABRA- ÇAMOS

Kanatyó
Pataxóop

A
TERRA



Qual é o nosso sonhar com a Terra? É viver uma vida junto — com as árvores, com a Terra, com todas as formas de vida que nela existem. Esse sistema de vida é o que garante o nosso sonhar. Pensamos, então, em sonhar com o todo da Terra.

Nós Pataxoop somos uma humanidade que caminha ao lado da irmandade da natureza. O branco também é humanidade, mas o pensamento dele é diferente do nosso. Nós sempre buscamos sonhar com a vida em pé.

O nosso sonhar, porém, está sendo abalado por um pensamento que busca dominar, explorar, separar. O branco busca evoluir por meio da dominação, mas ninguém domina a natureza. Ninguém domina a Terra. Nós precisamos fazer parte dela. A vida verdadeira é sem ganância. Por isso, sonhamos ao lado da natureza.

Existem plantas que crescem por cima da terra, outras que se deitam, outras que sobem como árvores e há ainda as que vivem só no pó. Mas todas as plantas vivem em pé. A vida em pé é fundamental. Um rio pode correr deitado, mas ele também vive em pé, em transformação com o mundo dos vegetais, dos animais e dos minerais. Para sermos verdadeiramente nós, temos que fazer parte desses três mundos. Se não fizermos parte disso, estaremos incompletos.

Nós Pataxoop sentimos que tudo é vivo: o rio, o sol, as florestas. Tudo vive na Terra porque a Terra é viva. Como outros povos indígenas, consideramos a Terra como mãe. Há palavras que vêm da Terra, palavras que nascem na mata, palavras que vêm do rio. Todas essas palavras são sagradas, temos que escutá-las.

O que buscamos fazer é aquilo que a Terra nos pede, não apenas o que nós pedimos. Há palavras que precisamos guardar e há palavras que precisam ser levadas adiante, precisam ser entregues às crianças, como se tudo fosse um só sistema de vida. Precisamos sonhar com as futuras gerações, garantir que elas fiquem em pé.

A Terra tem suas leis. Respeitar as leis da Terra é não cercar, não prender, não dividir a Terra. Quando uma cidade é toda calçada, quando ela tem o seu chão de terra todo bloqueado, a vida ali está trancada também. Quando uma floresta é destruída, uma parte de nós vai embora com ela.

O tempo está interligado como uma teia de aranha. Estamos todos em movimento, o tempo todo, para garantir esse sonhar. Percebo que, se ainda estamos aqui, é para falar desse sentimento, da vontade de uma Terra viva. Mas o homem branco está apagando as imagens da Terra. E quando ele apagar todas essas paisagens, aí sim será o fim. Porque nas paisagens da Terra está tudo conectado. Nós vivemos com a mata, com o rio, com a floresta. E quando isso é destruído, somos destruídos.

Por isso sabemos que não podemos ter medo da Terra. A Terra é verdade. Nós apertamos as mãos da Terra, nós abraçamos a Terra. Vivemos com esse sentimento. Porque o abraço é isso: viver lado a lado. Não tememos brincar com a Terra, viver com ela, nos integrar a ela. Porque é ela quem cura. A primeira medicina do corpo é a Terra. Ela trabalha com a mente, com a alegria, com a convivência. Por isso, temos que cantar o sonhar da Terra. Os Pataxoop e outros povos indígenas são a esperança viva de um sonhar para toda a humanidade.

A Terra tem um poder que o homem não tem: você enterra uma semente seca e ela nasce poderosa. Isso é força. Isso é poder. Quais são os pontos vitais da Terra que guardam esses poderes? Como diz Liça Pataxoop, são os trovões, o sol, a lua, a chuva, as nuvens. Tudo isso são forças universais que precisamos abraçar.

A escola pataxoop não está separada da Terra. Ela é a própria vida. O que falamos, o que aprendemos, é com ela. E esse conhecimento não é importante só para nós. É importante para o mundo. Através da nossa educação, deixamos tudo registrado aqui na Terra. Esse é o nosso arquivo ancestral. É a resistência deixada por nossos antepassados que transmitimos para os jovens.

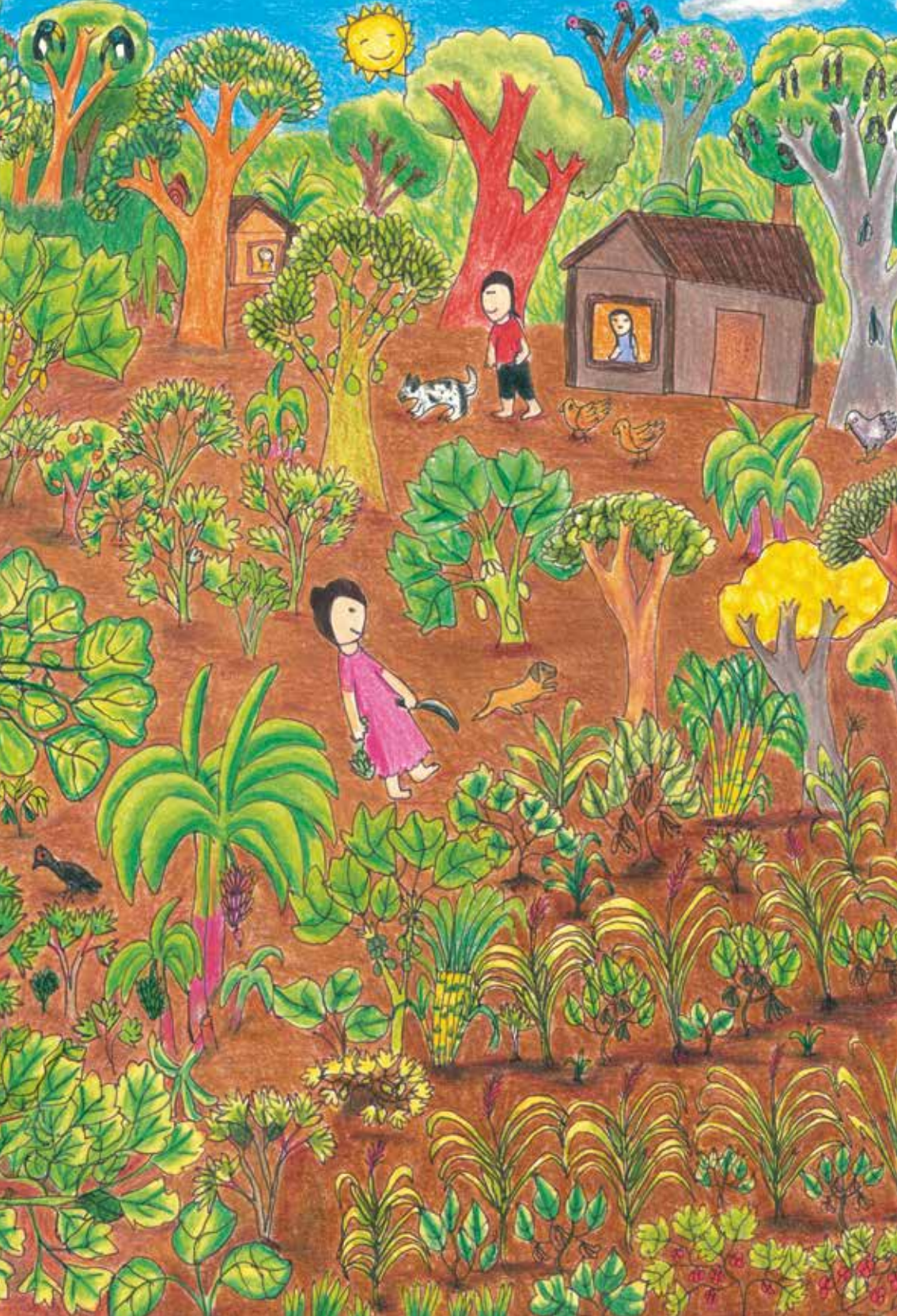
Está na hora de pensar um novo projeto de vida humana. E esse projeto começa por deixar o indígena de pé. Deixar o indígena viver com sua Terra. Não é esmola o que pedimos. É o direito de viver em paz com a Terra. Para nós, isso é o fundamental.

A Terra sonha com a gente. E a gente, quando vive direito, sonha com ela também.





◦ Têhêy roça do sonho Pataxoop.
desenho de Liça Pataxoop



A

TERRA
SONHA
com

Liça
Pataxoop

A

GENTE



A vida que levamos faz parte da Terra.
Eu sou mãe, sou avó, sou filha da Terra,
sou irmã da natureza. Sou da Terra
Indígena Pataxóop de Muã Mimatxi,
em Itapecerica, Minas Gerais. Mas não
nasci exatamente aqui, nasci em outro
território, chamado Mata Grande,
na Bahia.

Às vezes dizem que a gente migrou, mas não. Eu não migrei. Todos esses lugares são nossos. Imigrante é quem vem do outro lado do mar. É quem chega aqui com outro pensamento, com outro sonho, como fez Pedro Álvares Cabral. Ele deixou aqui uma história que até hoje muitas pessoas repetem. Elas imitam o pensamento dele e acreditam que esse pensamento é evoluído. Mas é um atraso. Esse pensamento é o que nos atrasa, o que pesa sobre o povo indígena.

Os brancos chegaram e colocaram um nome na pedra grande: Monte Pascoal. Vieram movidos por curiosidade, queriam descobrir o que a nossa terra tinha. Hoje há cidades vizinhas e povoados no seu entorno, mas o Monte Pascoal está lá com a sua história. O Monte Pascoal é da Terra. Foi lá que começou a destruição.

A partir daquele momento, começou a cerca, a posse, o roubo do que é nosso. Não foi tristeza, a Mãe Terra não tem tristeza. O que aconteceu foi ganância. Faltou visão de vida, faltou conhecimento da Terra como mãe. Os brancos não sabem da produção de vida da Terra.

A Terra é a principal criadora e produtora de vida. Não existe vida sem Terra. Não existe história sem Terra. Toda história começa com a Terra. Porque a Terra sonha.

O sonho da Terra é como sonho de mãe: é ter filho, é ter uma terrinha para viver com seus filhos, com água para beber, com sol para aquecer, com noite para descansar. É poder plantar, é poder colher, é poder partilhar. Mãe divide tudo — o pouquinho que ela tem vira um pratinho para os filhos. Ela come por último, só o caldo, e se sobrar. A Terra também é assim. Ela sonha



com todos nós, com todos os seres vivos. A gente, as árvores, as frutas, as flores — todos somos filhos dela.

O rio que passa na Terra é a vida dela, é o seu companheiro. A Terra sonha em ter todos junto dela. E ela ama tudo o que está nela: os filhos, os frutos, todos os seres. Tudo faz parte desse ciclo, dessa visão de mundo que a Terra tem. E nós fazemos parte dessa vida da Terra.

A Terra sonha com a continuidade. A Terra sonha com a resistência dos seus filhos. Por isso, nós indígenas também resistimos. Tudo o que nós fazemos, aprendemos com ela. Eu nunca estudei na escola do branco. Meu estudo foi com a mãe Terra. Foi lá que me formei, que recebi meu diploma. Minha universidade foi o chão da Terra.

Eu confio muito na mãe Terra. Sou pedaço dela, sou chão dela. Ela é meu chão de vida. Tudo o que temos, ela dá. Por isso, não envenenamos a Terra. Quem sabe viver com a Terra, quem conhece o seu sonho, vive com ela de coração. A Terra é minha mãe. O meu sonho é tirar todas as cercas que colocaram nela. E eu sei que ela também sonha com isso.

Mas o homem branco, muitas vezes, é quem tira o sonho da Terra. Alguns chamam de “crime ambiental” – por que não dizem “crime humano”? Porque é o homem branco quem faz isso, é ele quem destrói o sonho da Terra.

O homem branco vai às grandes lojas, às grandes fábricas, tira e tira. Quanto mais ele tira, mais quer tirar. Vai colocando uma roupa, e mais uma, e mais outra. Vai cavando mais a Terra, enfraquecendo-a, tirando o sonho de fortalecimento dela. E a Terra sente.

O homem deveria respeitar a Terra com carinho. A Terra é mãe de tudo: das florestas, das frutas, das sementes, do que se come, do que se bebe. A vida humana é feita da Terra. Até o dinheiro do homem também vem da Terra. Tudo vem da Terra. Não há nada que não seja gerado por ela. Por isso, nós a respeitamos. E por isso eu sou muito grata.

Quando eu era criança, os velhos diziam: o fim do mundo chegará quando não virmos mais a produção de vida das mulheres — das mulheres planta e das mulheres gente. Quando não nascerem mais filhos, quando a bananeira não der mais cachos. Isso seria o fim da vida. Mas enquanto houver fruta e mulher gerando, temos esperança. O homem, porém, está fazendo o contrário: está tirando a vida das frutas, das águas, das plantas, das famílias.

Mas a força da Terra, o sonho dela, não é esse. O seu sonho é vida. E a nossa atribuição, hoje, é ensinar isso para o mundo de fora da aldeia. Porque, apesar de serem muitos, os professores não têm força para ensinar sobre o sonho da Terra. Eles acham que ensinar é dirigir um trator e arrasar tudo. Acabar com as matas, acabar com as vidas. Mas o ensino verdadeiro é o da vida. Os valores que carregamos dentro de nós — isso é o que fortalece o sonho da Terra.

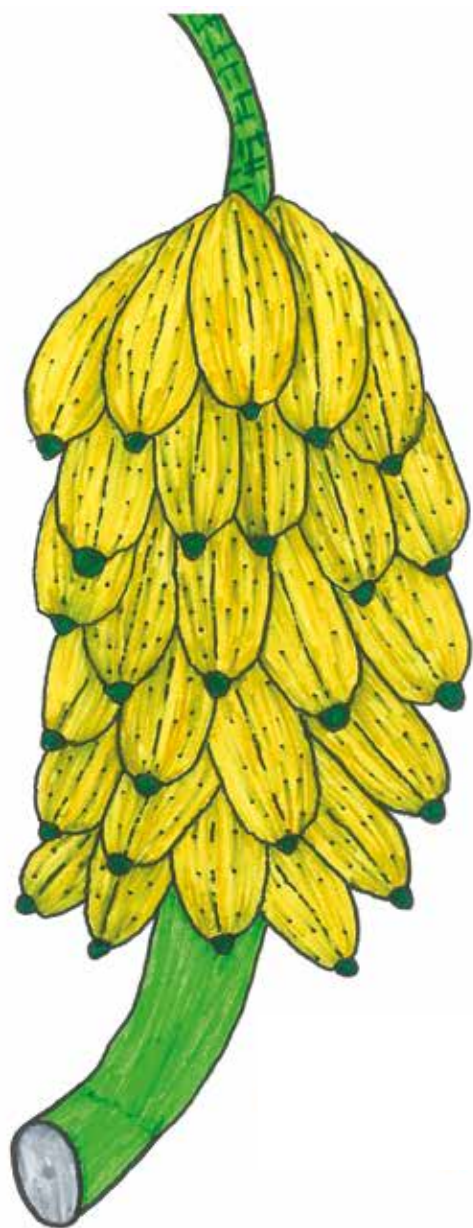
A Terra sonha com a gente. E a gente sonha com ela.



















1. *Chlorophyll a* (blue-green)
 2. *Chlorophyll b* (yellow-green)
 3. *Chlorophyll c* (brown)
 4. *Chlorophyll d* (red)
 5. *Chlorophyll e* (orange)
 6. *Chlorophyll f* (purple)
 7. *Chlorophyll g* (pink)
 8. *Chlorophyll h* (grey)
 9. *Chlorophyll i* (black)
 10. *Chlorophyll j* (white)

Roça mãe do mundo

A roça é uma miniatura do mundo envidado. Compõe, com as pessoas, as plantas, os animais e os espíritos, a simbiose com a Terra. Desde o preparo do solo, a plantio, até a colheita e o descanso da terra, homens, mulheres e crianças interagem com os seres da roça, envidados no movimento de produzir alimento, criar pessoas, manter a vida e sentir a terra. Agricultores indígenas, quilombolas, do cerrado, de fazendas, de terras firmes e também dos enclaves urbanos tratam a roça com respeito e gratidão. Fazem rituais, cantos, entoam cantos e organizam festas para plantar e colher. A mandioca é o elemento central da roça para muitas dessas comunidades. Dos talos das manivas tiram xampus e delas vêm a mandioca com que se faz a farinha, o beiju e o cuscuz. O mingau ou o caxi para alimentar e alegrar os corpos. Em meio às manivas, há uma diversidade de outras plantas. Cada espécie tem usos e modos de plantio que compõem ricas enciclopédias vividas nas florestas, várzeas, terras-firmes e quintais. A roça é mãe do mundo e nos convida a evocar a paixão pelo que a confluência afro-indígena produz, produz e produz, a partir da terra e com ela, nas aldeias, nos quilombos e nas cidades.



Pimenta Chaveiro: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

Pimenta do Anjo: Mãe do mundo

Quilombola: Quilombola

TICUNA







fruit



fruit



Confluência afro-indígena

Uma das maiores ações cosmológicas que aconteceram nesse território em que se fez o Brasil foi a confluência entre os africanos e os povos originários que viviam aqui. Nos trouxeram de forma forçada para cá, mas também houve uma contribuição do cosmos. Nós transfluímos pelos elementos da natureza, pelas cosmologias e, ao chegarmos aqui, exatamente por essa língua cosmológica, nós e os indígenas nos entendemos. Sempre e para sempre. Nos entendemos através do vento, das árvores, dos pássaros, das sementes através do cosmos.

”

Antônio Bispo
dos Santos



ucune

Indígena Natuna

Sua Tópico

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna

Indígena Natuna





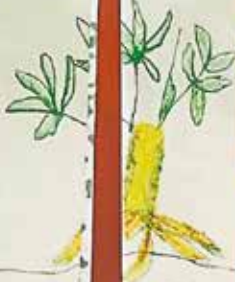




Aipim Manteiga - Aipim R



Aipim Cacao



Aipim Eucalipto



Aipim Pratocheiro -



Aipim Peleto



APICALOMBO - HIPIMPADARE

AIAPIM-LA

PIA NUCIO -

ALLIACHOLO

CA KAVELA

FRA-BIDI PAJAN

Mandiocaf

saber o modo de
ar os preparos, de
conhecer as ervas boas
passou pelas gerações
os espíritos e da minha
mais velhos. Quando
e acabo com um buquê
costume vem da
a na mão um punhado
Toda vez que falo
as pessoas, os espíritos
nam de mim. Esses
ser esquecidos.

”

Japira Pataxó

Doutora por Notório Saber
em Conhecimento e Inclusão
Social em Educação













Instalação Sonhar a Terra

REALIZAÇÃO

Universidade Federal de
Minas Gerais
Cemig - Companhia Energética
de Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORIA

Sandra Regina Goulart
Almeida - Reitora
Alessandro Fernandes
Moreira - Vice-Reitor

PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Fernando Antônio Mencarelli
Mônica Medeiros Ribeiro

DIRETORIA DO ESPAÇO DO

CONHECIMENTO UFMG
Sibelle Cornélio Diniz
Camila Maciel Campolina
Alves Mantovani

CURADORIA

Deborah Lima
Renata Marquez

EXPOGRAFIA

Gabriela Pires
Dânia Lima
Marina Aravani
Sarah Costa
Rachel Borges
Thiago de Paula

DESIGN GRÁFICO

Rafael Amato

AUDIOVISUAL

Maurício Silva Gino
Júlia Lobato Maciel
Ana Valvassori
Kayke Quadros Carvalho
Giovanna Gracielle
Vanessa Lemos

PRODUÇÃO

Fabiane de Souza Silva
Lívia Dias Malta Lisbôa
Luiz Fernando Góes Corrêa

PROJETOS

Nina Fraiha de Faria

SECRETARIA

Elisa Maria Teixeira Silveira

MONTAGEM

Gran Produções
DEMAI UFMG
Kabilly Informática

IMPRESSÃO E PLOTAGEM

Artwork Digital

AUDIODESCRIÇÃO

Maré Áudio Criativo

APOIO E EXECUÇÃO FINANCEIRA

Fundação de Desenvolvimento da
Pesquisa - FUNDEP
Fundação Rodrigo Mello Franco
de Andrade

PROJETOS DE PESQUISA E EXTENSÃO

*Ngiã nûna tadaugü i torü nañe - Vamos
cuidar da nossa terra*
Organização Geral dos
Professores Ticuna Bilíngues
+ UFMG

*Hãmxa tu pip xop -
O que tem na roça
Povo Tikmu'un + Saberes
Indígenas na Escola, FAE*

*Hãmhi Terra Viva
Plano de gestão territorial e
ambiental das terras
indígenas Tikmu'un
Opaoká + UFMG*

*Saberes dos Matos Pataxó
Piseagrama + Teia dos Povos
+ Formação Transversal em
Saberes Tradicionais*

*Jardins do Sagrado
Prefeitura de Belo Horizonte
+ Formação Transversal em
Saberes Tradicionais*

*A beleza da fartura na Região
Metropolitana de
Belo Horizonte
Tese do PPGAN UFMG de
Mariana Oliveira e Souza*

*Formação Transversal em
Saberes Tradicionais
Pró-Reitoria de Graduação*

*Coleção Especial Notório Saber
Formação Transversal em Saberes
Tradicionais
Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social*

AGRADECIMENTOS

Antônio Bispo dos Santos
Ailton Krenak
Kanatyo Pataxoop
Liça Pataxoop
Roberto Romero
Bruno Vasconcelos
Karen Shiratori
Pedro Rocha
Darupü'üna (Daru Ticuna)
Mutchique'ena (Hilda Tomás
do Carmo)
Megüthcacü (Wanilson
Honorato Cruz)
Mariana Oliveira
Priscila Musa
Viviane Ye'kwana
Viviane Fortes
Adriane Aparecida Pinto Coelho
César Guimarães
André Brasil
Pedro Aspahan
Luciana Oliveira
Rosângela de Tugny
Felipe Carnevalli
Paula Lobato
Victor André Martins de Miranda
Gil Amâncio
Moreno Saraiva
Gabriela Moulin
Formação Transversal em
Saberes Tradicionais UFMG
Hãmhi Terra Viva
Espaços Comunitários de
Saberes, Cultura e
Bem viver Yanomami
BDMG Cultural
Instituto Socioambiental, ISA

Lista de obras

Sonhar a Terra

Mundo des-envolvido

Slideshow Espaço do Conhecimento
UFMG, 2025

O Encantar das folhas

Direção de César Guimarães
e Pedro Aspahan
Formação Transversal em Saberes
Tradicionais UFMG, 2024

Retratos de mestres e mestras dos Saberes Tradicionais

Laboratório de Criação Audiovisual dos
Saberes Tradicionais
Formação Transversal em Saberes
Tradicionais UFMG, 2015-2025

Puk hep mîmāti yōg hemén

Mel, remédio da floresta

Animação do Projeto Hămhi
Terra Viva, 2023

Depoimento de Antônio Bispo dos Santos

Acervo Espaço do Conhecimento UFMG,
2023

DESENHOS E PINTURAS (IMPRESSÃO EM TECIDO)

Roça Pataxoop

Liça Pataxoop, 2025

Roça Ticuna

Mutchique'ena (Hilda Tomás do Carmo),
2006

Roça Pataxó

Japira Pataxó, 2022

Roça Tikmu'un Maxakali

Sueli Maxakali
Eliana Maxakali
Isaiane Maxakali
Juana Maxakali
Marinete Maxakali
2024

Roça Região Metropolitana de Belo Horizonte

Mariana Oliveira, 2024 - 2025

Bordados da série

O que sei, o que sou

Comunidade do Quilombo do Curtume,
2025

Bordados da série

Sobre terra, plantas e mulheres

Comunidades Mulheres da Ponte e
Quilombo do Curtume, 2025

Cantos Ticuna

Madrugada na Floresta, 2004

Yoi põe fogo na Terra, 2004

Aricano, 2004

Canto da Mãe do Vento, 2004

Cantos Yanomami

Balança roça, 2005

Boca cheia, 2005

Cantos do Quilombo do Curtume

Sabiá do bico roxo, 2025

Pé de alecrim, 2025

Canto Tikmu'un Maxakali

Kupumõg Papa-mel, 2009

Sons de uma roça Ticuna

Gravação de Megütchicacü (Wanilson
Honorato Cruz Tikuna), 2025

Tipiti Ticuna

Cowacüã (Ellen Gabriel da Silva),
2025

Tamboretas

Comunidade do Quilombo da Faceira,
2025

Têhêy Roça do Sonho Pataxoop

Desenho de Liça Pataxoop, 2025

Papiu, Território Yanomami

Vídeo de Priscila Musa, 2025

Pau de chuva Ticuna

Darupü'üna (Daru Ticuna), 2025

Rede Ticuna

Mutchique'ena (Hilda Tomás do
Carmo), 2025

Rede Ye'kwana

Marciane Ye'kwana, 2025

Rede de Tocoíós

Comunidade do Quilombo de Tocoíós,
2025

Rede Yanomami

Hutukara Associação Yanomami, 2019

Depoimento de Liça Pataxoop

Acervo Espaço do Conhecimento
UFMG, 2024

Depoimento de Felipe Tuxá

Acervo Espaço do Conhecimento
UFMG, 2025

Depoimento de Anari Pataxó

Acervo Espaço do Conhecimento
UFMG, 2025

Depoimento de Sueli Maxakali

Trechos do podcast *Vizinhanças e
Linguagens* (BDMG Cultural, 2020)
Trechos do filme *Cosmopista Maxakali*
Pataxó (UFMG e Escavar o Futuro,
2013)

Direção de Toninho Maxakali, Manuel
Damásio Maxakali, Mamei Maxakali,
Marilton Maxakali, Josemar Maxakali,
Adriana Maxakali, Juninha Maxakali,
Alessandro Santos, Arawê Pataxó,
Ricardo Jamal, Bruno Vasconcelos e
Rosângela Tugny
Reedição Espaço do Conhecimento
UFMG, 2025

Depoimento de Atxu Marimã

Parte do filme *Vestígios da memória*
Karen Shiratori, Laura Faerman e
Alziro Barbosa, 2025

Livro Sonhar a Terra

ORGANIZADORAS

Deborah Lima e Renata Marquez

PROJETO GRÁFICO

E DIAGRAMAÇÃO

Felipe Carnevalli, Paula Lobato
e Bianca Perdigão
– Cosmopolíticas editoriais

REVISÃO DE TEXTOS

Alexandre Bomfim

IMPRESSÃO

Gráfica Formato

ISBN

978-65-80145-04-1

LISTA DE IMAGENS

Eliana Maxakali
Páginas 79, 83, 87

Núcleo de Audiovisual
do Espaço do Conhecimento
UFMG
Páginas 98-99, 100-101, 102-103,
104-105, 106-107, 112-113, 114-115,
116-117

Isaiane Maxakali
Páginas 94, 96

Japira Pataxó
Páginas 45, 76-77

Juana Maxakali
Páginas 31, 69

Liça Pataxoop
Quarta capa, páginas 84-85

Mariana Oliveira e Souza
Páginas 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 56-57,
58-59, 60-61, 63

Marinete Maxakali
Páginas 92-93

Mutchique'ena (Hilda Tomás
do Carmo)
Capa, páginas 70-71, 72-73, 91

Priscila Musa
Páginas 24-25, 26-27, 28-29

Renata Marquez
Páginas 108-109, 110-111

Sueli Maxakali
Páginas 74-75

Viviane Ye'kwana
Páginas 38, 39, 40, 41, 42-43



Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Exposição demasiado humano : sonhar a
terra / organizadoras Deborah Lima,
Renata Marquez. -- Belo Horizonte,
MG : Espaço do Conhecimento
UFMG, 2026.

ISBN 978-65-80145-04-1

1. Exposições - Catálogos 2. Museus -
Coleções 3. Natureza - Influência do homem 4.
Terra I. Lima, Deborah. II. Marquez, Renata.

26-333406.0

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 700.74

Suelen Silva Araújo
Oliveira - Bibliotecária
- CRB-8/11482

DESCENTRA >>>>>>>>
>>>>>>>> **CULTURA** Lei nº 24.462
26/09/2023
LEIC: CA:2018.13609.0184

patrocínio



gestão



realização



Espaço do
Conhecimento
UFMG

PROCULT
PRÓ-REITORIA
DE CULTURA

U F M G

Trem *Aha* *Minas*
Minas 2023 ano mineiro das artes

CIRCUITO BH
MG **LIBERDADE**

**Fundação
Clóvis
Salgado**



